

Autora best-seller do *The New York Times*

Jill Mansell

Se você não tem um segundo a perder, descubra...

ONDE MORA
O AMOR



Para papai, Paul e Judi, com todo o meu amor.

Capítulo 1



ERA QUASE MEIA-NOITE E DEXTER YATES estava na cama com a namorada quando o telefone tocou. Com um reflexo ultraveloz, ela o pegou na mesinha de cabeceira antes que ele tivesse a chance de alcançá-lo.

Sério, algumas pessoas eram desconfiadas *demais*.

– Laura. – Ela semicerrou os olhos ao ler o nome na tela. – Quem é Laura?

O ciúme nunca é atraente.

– Pode devolver meu celular, por favor?

– Quem é *essa*?

Num esforço heroico, Dexter não respondeu “Alguém muito mais legal do que você”, apenas estendeu o braço e esperou que a namorada lhe passasse o aparelho, o que ela acabou fazendo com uma irritação ofendida que deixava bem claro que ele não a veria mais depois daquela noite.

– Oi, Laura.

– Ah, Dex... Me desculpe, sei que está tarde. Acordei você?

Ele sorriu; só mesmo Laura para achar que ele estaria dormindo antes da meia-noite.

– Claro que não. Como estão as coisas?

– Está tudo... ótimo. – A alegria na voz dela foi se irradiando pela linha, e, naquele momento, ele soube o que tinha acontecido. – É uma menina, Dex. Ela chegou! E é linda, você não vai acreditar. Três quilos e meio. É a coisa mais maravilhosa do *mundo*!

O sorriso dele ficou ainda maior.

– Uma menina! Que fantástico! E como é que ela não seria linda? Quando vou poder conhecê-la?

– Bem, não hoje, obviamente. O horário de visitas é de dez da manhã ao meio-dia ou das sete às nove da noite. Você acha que consegue vir amanhã depois do trabalho?

– Vou dar um jeito – prometeu Dex. – Estarei aí. Ela se parece comigo?

– Seu ridículo, ela só tem uma hora de idade. Você tem 28 anos. E barba.

– Olha, você deveria mesmo pensar em fazer uns shows de stand-up.

– Depois do tanto que sofri de gases hoje à noite, tenho certeza de que não conseguiria fazer show nenhum. Bem, a bateria está acabando. É melhor eu desligar. Quer que eu mande uma foto ou prefere esperar para vê-la amanhã?

– Não se preocupe, pode deixar que eu espero. Ei – a voz de Dex ficou mais suave –, parabéns.

Ele desligou, recostou-se no travesseiro e olhou para o teto. *Uau.*

– Correndo o risco de parecer repetitiva, quem é Laura? – A atmosfera no quarto já tinha ficado gélida. – E que curiosidade é essa de saber se o filho dela se parece com você?

– Vamos. – Dexter se levantou e pegou a calça jeans e a camiseta. – Está ficando tarde. Vou levar você em casa.

– Dex...

– É sério isso? Tudo bem. Laura é minha irmã. E ela acabou de dar à luz minha sobrinha.



Laura estava cochilando quando a enfermeira bateu à porta e a abriu.

– Oi! Está acordada?

Laura abriu os olhos; agora que era mãe, teria que se acostumar ao sono interrompido.

– Mais ou menos. O que foi?

– Você tem visita – sussurrou a enfermeira.

– Mas *agora*?

– Pois é. E de fato não é permitido, mas quando ele explicou a situação... bem, o que eu poderia fazer? Não tinha como mandá-lo embora.

Pelo tom e o brilho nos olhos da enfermeira, Laura entendeu tudo. Sentou-se (*ai, que dor*) quando a porta se abriu mais e o visitante noturno entrou.

– E aí? Qual é a situação?

– Tenho que estar no aeroporto daqui a três horas, vou para Nova York.

– Dex se virou para a enfermeira. – Muito obrigado. Você é maravilhosa.

Laura esperou a garota, encantada, sair do quarto para então fazer uma cara de desdém.

– Em uma escala de 1 a 10, o quanto essa história é verdade?

– Ah, mas me ajudou a entrar aqui, não? – O famoso charme de Dex era uma piada antiga entre os dois. – Não consegui esperar. Fiquei agitado demais para dormir. Isso é para você, aliás. Estão meio murchas, me desculpe.

Ele tinha parado no supermercado 24 horas em West Kensington e comprara um buquê de rosas de um tom laranja horrivelmente berrante, um Toblerone gigante, um polvo de brinquedo e muitos saquinhos de minhocas de gelatina. Era o que qualquer um faria.

– São lindas – disse Laura quando ele colocou tudo na cama.

– Se você vai ficar por aí tendo bebês no meio da noite, é bom saber que as opções de flores à venda são limitadas. Mas enfim, vem cá. – Ele deu um abraço na irmã e um beijo estalado na sua bochecha. – Garota esperta, mandou muito bem. Cadê a coisinha?

– *Coisinha?*

– Desculpa, *a bebê*. – Dex deu de ombros, sem arrependimento. – Mas a gente chama de coisinha há meses. Onde ela está escondida? Você a deixa em uma gaiola embaixo da cama?

– Se ficar falando desse jeito, não vou mostrar minha filha para você.

Mas Laura não estava falando sério; de onde ele estava, o bercinho ficava fora do campo de visão. Ela inclinou a cabeça para a esquerda, indicando que Dex deveria ir para o outro lado da cama.

Então viu o irmão se apaixonar, provavelmente pela primeira vez na vida.

Foi inacreditável. Deu para ver tudo acontecer. Em um minuto ele estava interessado, e no instante seguinte estava totalmente hipnotizado. Logo

depois, como se a importância da ocasião tivesse ficado clara, a mais nova integrante da família se remexeu e abriu os olhos.

– O nome dela é Delphi – declarou Laura.

– Ah, meu Deus – disse Dex, com um suspiro. – *Olha só* para ela.

A irmã sorriu.

– Está olhando para você.

– Ela é linda. Sério: linda *mesmo*.

Ele estava petrificado. Será que era possível explodir de orgulho?

– Eu falei que era – observou ela.

– Posso pegá-la no colo?

– Desde que você não a deixe cair no chão.

O cabelo escuro de Dex caiu para a frente quando ele se inclinou e passou as mãos com delicadeza por baixo dos ombrinhos de Delphi. Ele parou e olhou para Laura.

– Não sei fazer isso.

Dex sempre fora uma pessoa relaxada e confiante; era fofo vê-lo admitir uma fraqueza. Laura o incentivou:

– Você consegue. Só não se esqueça de manter a cabeça dela apoiada.

Assim. – Ela demonstrou com as próprias mãos e o viu fazer o mesmo.

– Isso, assim.

Ele a pegou no colo.

– Ela parece um girassol de caule molenga. Uau, Delphi Yates, olha só você. Olha suas mãos. – Ele balançou a cabeça, maravilhado. – E essas unhas? E os cílios! Olha, ela está *piscando*...

O sorriso de Laura aumentou. Ele estava mesmo apaixonado. Ela observava enquanto ele levava Delphi para passear pelo quarto, parando na frente do espelho. Depois de acomodar a sobrinha na dobra do braço, Dex admirou o reflexo dos dois juntos.

– Oi, Delphi. É você, isso mesmo! Vai, dá um tchauzinho. Ah, não, não faz essa cara, é seu aniversário, você não pode chorar... Nããão, olha o espelho, vamos dançar!

– Talvez ela esteja com fome – disse Laura.

– Tudo bem, vamos dar uma minhoca de gelatina para ela. Ei, Delph, quer uma minhoca de gelatina? Qual é sua cor favorita?

– Não pode dar doce para ela!

Dex a encarou, e ela se deu conta de que era brincadeira.

– Não? Que bom, sobra mais para a gente. Pronto, ela não vai mais chorar. Relaxa, *mãe*.

Mãe. Depois de tanto tempo, com todas as dificuldades, finalmente aconteceu. Quando ela tinha perdido as esperanças. Uma gravidez milagrosa aos 41 anos, e agora Delphi estava ali.

– Eu sou mãe – disse Laura. – Dá para acreditar?

– E esta aqui é forte. – O indicador de Dex estava preso na mãozinha de Delphi; ele fez uma careta de dor. – Acho que vai ser lutadora quando crescer.

– Venha, vamos tirar uma foto. – Laura pegou o celular e fez sinal para o irmão aproximar o rosto do de Delphi.

– E aí, o parto doeu? – Ele fez outra careta. – Não precisa entrar nos detalhes nojentos.

– Foi fácil – garantiu Laura. – Moleza. Dor nenhuma.

– Boa menina. – Feliz com a mentira, Dex assentiu com aprovação para Delphi. – Espere só até você ficar mais velha. Vou te ensinar todos os truques. Como manter os garotos sob controle, como partir o coração deles... – Delphi o encarava muito séria, com seus olhos enormes, enquanto ele falava. – Vou ter que dar uma conferida neles primeiro, para ver se são dignos de um encontro com Delphi Yates. Se forem aprovados, aí, sim, você vai poder sair com eles. E vão se ver comigo se lhe fizerem algum mal.

– Dá para imaginar? Ela vai ser adolescente – disse Laura, maravilhada.

– Vai usar roupas horríveis, beber vinho vagabundo e falar mal da gente pelas nossas costas. Mais uma foto.

Ele levantou Delphi de novo, tomando o cuidado de aninhar a cabeça da bebê na palma da mão, e Laura sentiu como se o próprio coração estivesse tirando a foto. Havia uma ligação evidente entre os dois; quando eles se olhavam, era como se estivessem compartilhando o segredo mais incrível do mundo. Isso sem contar as semelhanças físicas: o formato dos olhos, o ângulo das sobrancelhas escuras... Dava para ver que Delphi ficaria parecida com Dex. Laura apertou o botão do celular e capturou o momento para sempre. Como num passe de mágica, a imagem deles agora estava guardada no aparelho.

– Depois me manda a foto – pediu Dex.

– Pode deixar. Mas não vá mostrar a qualquer um. Pode manchar a sua reputação.

– Verdade. – Ele sorriu para Delphi. – É isso que você vai fazer, é? É esse o plano? Minha nossa, você é *perigosa*.

– Como vai a namorada nova?

Laura não lembrava o nome da garota, mas não fazia a menor diferença. Dex trocava tanto de namorada que não esperava mais que ela lembrasse.

– Terminamos. – Dex fez uma cara triste. – Estou sozinho e solteiro de novo. Coitadinho de mim.

Até parece.

– Eu sei, você vai acabar um solteirão triste e solitário – comentou Laura. A porta foi entreaberta e a enfermeira entrou.

– Desculpe – sussurrou ela –, mas você vai ter que ir embora agora, senão vou ter problemas.

– E isso não pode acontecer – disse Dex na mesma hora. – Muito obrigado por me deixar entrar. Você foi um anjo, eu agradeço.

– Tudo bem. – As bochechas dela formaram duas covinhas de prazer. – Pelo menos você pôde ver a Delphi.

– E com ela são duas pessoas novas que estou feliz de ter conhecido hoje. Meu Deus, que brega, esquece o que eu falei. – Depois de colocar Delphi com cuidado nos braços de Laura, Dex beijou as duas. – Está na hora de dormir. Aliás, sabe se essa enfermeira, Alice, tem namorado?

Atrás dele, Alice ainda estava meio para dentro e meio para fora do quarto. Ela corou ao compreender que ele tinha visto seu nome no crachá.

– Engraçadinho – comentou Laura. – Não cheguei a perguntar. Eu estava meio ocupada parindo um bebê.

– Bom, ela não está de aliança – disse Dex. – Já é um bom começo.

– Não tenho namorado – comentou Alice. – Por quê?

Ele se virou para ela.

– Eu só queria saber quando é sua próxima noite de folga. Porque, se você quiser, eu adoraria sair para tomar um drinque.

Laura ficou só assistindo; ele era incorrigível. Para Dexter, flertar era tão natural quanto respirar. As cantadas saíam espontaneamente ou ele tinha um roteiro ensaiado?

Enquanto isso, a vítima da cantada da vez estava vermelha de satisfação.

– Ah, bem, estarei de folga amanhã à noite...
– Fantástico!
– Mas não faz diferença, né? – Alice balançava a cabeça. – Porque você vai estar em Nova York.

Dex bateu na têmpora.

– Isso mesmo. Acho que o fuso horário já está me afetando. Mas é só um bate e volta. Estarei aqui em dois dias.

– Estou livre na quinta – comentou Alice, com certa ansiedade.

– Vamos fazer assim: me passa o seu número e eu te ligo. Juro que não sou um assassino. – Ele pegou o celular e digitou o número que ela ditou.

– Agora, tenho que ir, antes que você leve uma bronca. Este lugar é um labirinto, né? Não sei como vou encontrar a saída.

Visivelmente mexida, Alice disse:

– Venha, vou mostrar onde ficam os elevadores.

– Tchau. – Laura acenou da cama quando eles estavam saindo e então completou, com malícia: – Não se esqueça de trazer um bom presente de Nova York!

Capítulo 2



NO EXATO MOMENTO EM QUE DEXTER YATES saía de um hospital no meio da madrugada, Molly Hayes parava em frente a outro, a 160 quilômetros de distância.

Perguntando-se como tinha ido parar ali.

Só que havia uma resposta para isso, uma resposta que a incomodava como uma pedra pontiaguda dentro do sapato. Porque havia um limite tênue entre ser legal e ser explorada.

E ela estava começando a achar que tinha ultrapassado esse limite.

O lado bom era que pelo menos o estacionamento tinha vaga àquela hora da noite – se bem que, pelo som, havia muitos outros pacientes embriagados, determinados a não deixar que nada estragasse a diversão. Ao sair do carro – não, *não ia* pagar para estacionar –, Molly passou pela máquina de tiquete do estacionamento e foi para o pronto-socorro. Ao se aproximar da entrada, viu seu reflexo no vidro, o cabelo louro totalmente desgrenhado. Bem, que pena.

Logo ficou claro que o paciente bêbado que fazia mais barulho era justamente o que ela tinha ido buscar.

Que alegria.

– Ei, ela chegou!

Ao vê-la, Graham interrompeu de repente sua interpretação de “Return to Sender” e começou a cantar “The Most Beautiful Girl in the World”. O que foi ainda mais constrangedor do que o esperado, considerando que ela estava parecendo um espantalho.

Quando percebeu isso, Graham a encarou sem entender.

– O que aconteceu com o seu cabelo? E com o seu... bom, seu *rost*o? – Ele fez um gesto com a mão, dando a entender que ela estava toda amassada. – Por que você está tão... diferente?

– São três da manhã – declarou Molly, com a voz firme. – Para sua surpresa, eu estava dormindo quando você ligou. E sou assim sem maquiagem. Da mesma forma que *vo*cê é *assim* depois de uma noitada com seus amigos do rúgbi. Vamos?

– Ah, não, vocês não podem ir embora tão cedo – protestou uma mulher sentada em frente com uma criancinha de colo. – O Timmy vai começar a chorar. – Ela se virou para Molly. – Ele ama música. Seu marido está salvando minha vida, distraindo meu filho.

– Ele não é meu marido – retrucou Molly, e na mesma hora o menino, como se aproveitando a deixa, começou a choramingar.

– Bom, ele foi um enviado de Deus – reiterou a mulher. – E já vão nos chamar. Vocês podem ficar só mais um pouco?

Por quê? Por que aquelas coisas sempre aconteciam com ela? Graham voltou a cantar (as canções do Elvis eram a especialidade dele) e Timmy, que parou de choramingar, ficou olhando com verdadeira adoração. Todos na sala de espera, por mais incrível que pareça, davam a impressão de estar gostando do show. Ao perceber que levá-lo embora naquele momento a faria parecer uma estraga-prazeres, Molly se sentou em uma cadeira de plástico e pegou uma das revistas amassadas na mesa à frente.

Três meses: esse era o tempo que eles estavam namorando. Conhecera Graham em uma fila de cinema, e, em diversos aspectos, ele parecera ter potencial para ser um excelente namorado. Era inteligente – ótimo. Era gentil – ótimo. Não era um conquistador barato – *maravilha*. Durante o dia, trabalhava como revisor oficial de contas, o que a deixou muitíssimo impressionada. E não tinha hábitos irritantes, como fazer barulho ao mastigar, fungar sem parar ou rir como um porco.

Mas ninguém é perfeito, e o hábito irritante de Graham acabou sendo a paixão pelo rúgbi. Ou, mais precisamente, a paixão por sair com os amigos do rúgbi *mesmo depois que a temporada tinha acabado* e encher a cara.

Na verdade, ela não se importaria se isso não a afetasse, mas estava chegando ao ponto em que *estava* incomodando. No mês anterior, uma das

ressacas épicas de Graham os fizera faltar a um churrasco. E duas semanas antes ele conseguira lançar uma rolha de champanhe no próprio olho, em um casamento. O hematoma, que ficou enorme, tinha acabado de sumir.

E agora isso. Para piorar, ela estava tendo um sonho lindo quando o telefone a acordara.

– Oi, Molly, te amo, sou eu. – A voz dele estava arrastada. – Você não vai acreditar no que aconteceu. Acabei de quebrar o pé. Não consigo *andar*...

– Meu Deus, cadê você?

Ela se sentou de repente, já imaginando Graham caído num barranco, agonizando. É isso que acontece quando despertam você subitamente de um sonho em que esquia nos Alpes Suíços com Robert Downey Jr. e pés amarrados nos sapatos.

– Estou na emergência do hospital. Já cuidaram de mim, mas não tenho como ir para casa. Tive que gastar o dinheiro do táxi vindo para cá. E não consigo andar – disse Graham, com tristeza. – Ah, Molly, eu *amo* você. Pode vir me buscar?

– Meu Deus...

– Se eu estivesse com o meu cartão de crédito, não precisaria pedir.

Molly suspirou; ela é que tinha dito para ele deixar os cartões em casa, depois que ele os perdera em uma noite.

Era óbvio: ele estava tirando vantagem dela. E *ainda* não podiam ir embora.

Felizmente, a mãe da criança estava certa e eles foram chamados em questão de minutos. Quando entraram, Graham estendeu as mãos para Molly.

– Pronto, ele vai ficar bem. Vamos nessa?

Ela teve que ajudá-lo a se levantar. O sapato direito dele estava no bolso do casaco, o pé exposto e sujo de sangue seco. Havia esparadrapo em volta dos dedos.

Molly estranhou.

– Se você quebrou o pé, não deveria estar de gesso?

– Bem, não quebrei o *pé*. Foram os dedos – explicou Graham. – O pequenininho e o outro do lado. Não colocam gesso nos dedos. Só prendem um no outro. Mas está doendo muito. Ai. – Ele se apoiou pesadamente no ombro dela, deu um passo e fez uma careta. – *Ai, Ai*.

Graham pesava 90 quilos e ela, 50. Daquele jeito, acabaria dando mau jeito nas costas.

– Não podiam te dar muletas? – perguntou Molly.

– O quê? Ah, sim, eles deram. O que aconteceu com elas? Estavam aqui agorinha mesmo. Esqueci!

As muletas estavam embaixo da cadeira de outra pessoa.

Finalmente era hora de ir embora. Quando estavam saindo, um rapaz se aproximou. Estava no fim da adolescência e tinha o braço em uma tipoia.

– Cara, não consigo pegar um táxi e a minha namorada está furiosa porque eu deveria ter chegado em casa um século atrás. Vocês podem me dar uma carona para Horfield? – pediu o garoto.

– Desculpe, não podemos. – Molly tentou evitar contato visual.

– Ah, Moll, não diga isso! Mas é claro que podemos dar uma carona para ele. – Graham não era só um bêbado chato, mas um bêbado chato e generoso. – Não tem problema, cara, vem com a gente. Horfield não fica longe do nosso caminho. A gente deixa você em casa!

Quando todos estavam acomodados no carro, Molly abriu a janela para dispersar o cheiro de álcool.

– E como você conseguiu quebrar os dedos do pé? – perguntou ela a Graham.

– Caí de uma mesa.

Ele deu de ombros, como se fosse culpa da mesa por não conseguir mantê-lo sentado.

– E de onde veio esse sangue todo?

– Derrubei o copo quando caí. Foi vidro pra todo lado. Você tinha que ver as mãos do Steve, ficaram todas cortadas quando ele caiu em cima de mim!

– Então, no fim das contas, a noite foi um desastre.

– Tá brincando? – Graham soltou uma gargalhada incrédula. – Foi incrível, a melhor noite de todas!

Assentindo lentamente, Molly decidiu, pelo bem deles, se concentrar na rua à frente. E pensar que tinha ficado tão animada no mês anterior, quando ele a ajudara a fazer a declaração de imposto de renda.

Contador ou não, Graham não era o homem dos seus sonhos.

Era hora de ele sair da sua vida.

CONHEÇA OS LIVROS DE JILL MANSELL

Onde mora o amor
Desencontros à beira-mar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

